

TEMAS EM DEBATE

# A CRIAÇÃO DE UM TESAURO PARA ESTUDOS DE GÊNERO

Danielle Ardaillon

Doutoranda em Sociologia pela USP e coordenadora do projeto Tesouro para Estudos de Gênero e sobre Mulheres

Sandra Ridenti

Mestranda em Sociologia pela USP e assistente de pesquisa na Fundação Carlos Chagas

*A Fundação Carlos Chagas, por meio do Programa de Estudos de Gênero e sobre Mulheres, elaborou um tesouro que permite, além da indexação de acervos sobre gênero, a localização de informações sobre a condição feminina, ou, ainda, levantamentos bibliográficos e eventuais mapeamentos dos estudos de gênero. Este artigo descreve os passos da elaboração deste instrumento, indispensável para a constituição de uma linguagem menos sexista que favoreça uma informação menos discriminatória em relação às mulheres.*

Por ser um dos primeiros centros de pesquisa brasileiros a ter implantado um Programa específico dedicado aos Estudos de Gênero, e pelo fato de ter promovido, desde 1978, com o apoio da Fundação Ford, concursos nacionais de dotações para projetos de pesquisa nessa mesma área, a atuação educacional da Fundação Carlos Chagas não promoveu apenas o acúmulo, na Biblioteca Ana Maria Poppovic — BAMP, de amplo acervo de documentação bibliográfica sobre Gênero. Incentivou também a formação de uma ampla rede de estudiosos espalhados por todo o país, que se comunicam, na medida do possível, através de seminários e publicações.

Nos últimos anos, cresceu significativamente o número de consultas feitas ao acervo da BAMP, de estudos enfocando a questão de gênero e a condição feminina. Além da provável escassez desse tipo de literatura em bibliotecas universitárias, é possível pensar que aumentou o interesse no conhecimento da assim chamada “questão da mulher” e que existe uma demanda de informação e de reflexão merecendo ser municiada com bibliografias adequadas.

Hoje, com o desenvolvimento da informatização e a possibilidade de ter acesso a redes internacionais parece incongruente não termos uma rede brasileira de trocas bibliográficas na área de gênero quando se tem disponíveis desde já os principais ingredientes: um abundante material bibliográfico e uma clientela interessada. Tal rede seria o instrumento necessário, não apenas para integrar o mais rapidamente possível outras bibliotecas brasileiras especializadas nessa área do conhecimento, mas, sobretudo, para a consolidação teórica da mesma. Antes, porém, é preciso possibilitar a comunicação através de uma linguagem comum. Com este intento, o Programa de Estudos de Gênero e sobre Mulheres da Fundação Carlos Chagas pensou em dotar a BAMP da ferramenta básica que permitirá uma indexação homogênea dos trabalhos produzidos nesta área do conhecimento. Trata-se do *Tesouro para Estudos de Gênero e sobre Mulheres*, instrumento proposto para a reindexação do amplo acervo sobre gênero e mulheres da Biblioteca Ana Maria Poppovic, e, também, para facilitar o acesso a informações sobre a condição feminina, ou ainda agilizar levantamentos bibliográficos e eventuais mapeamentos dos estudos de gênero.

Acreditamos que a sua apresentação possa interessar todos aqueles que participam de algum processo de investigação.

## ANTES DA PRÁTICA, A TEORIA

Um tesouro é basicamente uma lista de palavras escolhidas, destinada à indexação e recuperação de documentos e dados num determinado campo do saber. Não se trata de um dicionário, nem de um esquema de classificação. Os dicionários e glossários registram o uso padrão de palavras. Tampouco é um vocabulário controlado. Deste, um tesouro se distingue por três características. A primeira é que as palavras nele listadas não descrevem, mas antes significam: cada palavra é um conceito. Sendo assim, essas palavras que designam conceitos não são mais simples palavras, tornam-se “termos”, ou ainda “descritores”. A segunda característica é que todos os termos estão relacionados entre si; nenhum termo pode figurar no tesouro sem ser relacionado a algum outro, sendo essa relação determinada pelo seu significado. A terceira característica é que nele os descritores estão distribuídos por campos, por áreas temáticas. Esses campos se sobrepõem e se interpenetram, não podendo ser rigidamente definidos ou delimitados. Por exemplo, o termo “saúde ocupacional” pertence à área temática Economia e Emprego como à área Ciências Naturais e Saúde, ou ainda descritores como “esfera privada” e “esfera pública” pertencem à área Ciências Sociais e Cultura, bem como a Lei, Governo e Políticas Públicas.

Assim, além do seu efeito organizador, um tesouro tem também um efeito didático, não apenas ao utilizar conceitos específicos da área do conhecimento que contempla, como ao relacionar termos que têm entre si conexões pouco evidentes para o leigo. Por exemplo: “construção social da realidade” com “ideologia de gênero”.

Essas qualidades conferem a todo tesouro uma multiplicidade de usos, desde estabelecer categorias para bibliotecários e pesquisadores, ajudando-os na indexação de livros, relatórios, revistas, artigos, *papers* etc., até auxiliar a fazer índices de livros.

Linguagem documentária, construída para processar a informação contida em documentos de todo tipo, o tesouro assegura tanto sua coleta, como seu armazenamento e recuperação. Por ser um mecanismo de processamento, ele é forçosamente simplificador, ele não é um sistema de descrição de uma área do saber. Sendo vocabulário, porém, ele nomeia e dá forma às instituições que estruturam a maior parte de nossas vidas. Como sabemos, a língua é uma das atividades humanas ao mesmo tempo íntima e política. É a língua que nos constrói e é através da língua que construímos o mundo e nossas relações com ele. No caso em pauta, o *Tesouro para Estudos de Gênero e sobre Mulheres* foi elaborado para desempenhar a função eminentemente didática de difundir uma linguagem menos sexista que favoreça uma informação menos discriminatória em relação às mulheres.

O campo do “gênero”, das relações sociais entre os sexos, tem tamanha abrangência que o propósito de processar a sua documentação é imediatamente um convite ao seu recorte. De que maneira abordar um campo que pretende conhecer, descrever e compreender as relações existentes entre homens e mulheres ou ainda recuperar aspectos menos conhecidos, porque silenciados, da vida de mulheres brasileiras? De que maneira dividi-lo em categorias maiores e em subcampos? Talvez operando uma classificação pelas disciplinas que o estudam? Como permitir as ligações entre os subcampos? Enfim, ao fazer isto, de que maneira sedimentar o que a teoria feminista nos ensinou? Essas foram as perguntas que orientaram toda a fase de conceituação propriamente dita do tesouro.

As reflexões que milhares de mulheres acumularam no decorrer dos séculos sobre a experiência prática cotidiana de sua condição subordinada foram constituindo um corpo teórico que inspirou a epistemologia e a metodologia de pesquisa feminista e que permitiu a revisão da natureza do saber acadêmico em todos os campos dos estudos sobre as relações sociais entre os sexos.

Basta olhar para o vasto leque de pesquisas feministas universitárias e observar como a metodologia feminista permite criar relações entre diferentes linhas de pesquisa, revelando conexões e sentidos velados que modificam a nossa compreensão dos mecanismos e dos significados do poder na vida social e política. Lembramos o quanto foi importante o estabelecimento de relações diretas entre problemas de poder, no sentido político tradicional, e outras questões privadas como a violência na família, ou ainda as relações recíprocas entre a produção econômica e a reprodução biológica.

As investigações feministas mudaram radicalmente o que se pensava sobre “humanidade”, particularmente sobre concepções ditas neutras, porém, de fato referentes a homens brancos e privilegiados. Foi a pesquisa feminista que evidenciou as relações existentes entre a tendência a demonstrar preconceitos contra um grupo ou a favorecer outro, tanto por conta do gênero, como da raça ou da classe. O que a pesquisa feminista trouxe não é nada mais nada menos que uma revolução em termos de objetividade e de abordagem da realidade. As lentes da diferença tornaram a nossa cultura mais complexa e mais diversa, e a nossa linguagem mais precisa.

A pesquisa feminista nomeou e renomeou fenômenos mal conhecidos, e deu nomes a outros. O campo do Trabalho, por exemplo, foi o primeiro a ser estudado com outro olhar e o primeiro onde se fez sentir a necessidade de um novo vocabulário. Hoje, quando dizemos “trabalho das mulheres”, sabemos que estamos falando tanto do emprego remunerado como do papel reprodutor e do trabalho doméstico não remunerado. Este último, não reconhecido, não medido, foi amplamente revisitado pela pesquisa feminista permitindo a compreensão do papel econômico das mulheres e o porquê da sua invisibilidade social. “Dupla jornada”, “igualdade de oportunidades”, “orçamento-tempo” são exemplos das incorporações léxicas de mudanças conceituais e metodológicas.

No Brasil, o desenvolvimento científico do campo ocorreu nos últimos vinte anos, com características peculiares, pois ele acompanhou a própria legitimação do "feminismo", tido como ideologia de classe média, dentro do "movimento de mulheres", amplamente aceito como mais um dos movimentos intensamente envolvidos no processo de redemocratização política. Atribuiu-se assim à área de estudos de gênero a denominação "de Mulher", ou "sobre Mulher", outorgando à palavra "Mulher", além do sentido de uma discutível identidade feminina genérica, a própria definição de uma área do saber, o que teve várias conseqüências.

De um lado, proporcionou o esfacelamento da área em múltiplas subáreas: "Mulher e família", "Mulher e trabalho", "Mulheres rurais" etc., ou, ainda, "Mulher e participação política", "Mulher e política" etc., com inúmeras superposições nem sempre exploradas. Essa característica do desenvolvimento científico da área é refletida por exemplo na indexação feita em instituições acadêmicas, obrigando as bibliotecárias a demoradas pesquisas para descobrir o documento procurado por um pesquisador, ou ainda obrigando os pesquisadores à leitura de longas listas bibliográficas para cercar um assunto específico. Do outro lado, o uso essencialista de "Mulher" dificultou os usos metodológico e político do conceito "gênero", perpetuando o mito de uma natureza única ou de uma união possível entre as mulheres além da defesa de interesses pontuais, em vez de favorecer uma visão dinâmica e dialética das relações sociais entre homens e mulheres.

Enfim, a existência de um campo do conhecimento denominado "Mulher" não tem conseguido, até hoje, atrair pesquisadores masculinos em número relevante, ou até mesmo conferir "orgulho de classe" às pesquisadoras que a ele se dedicam. São eles, sem dúvida, os dois ingredientes necessários para promover a legitimação científico-acadêmica capaz de promover a implantação de cursos regulares sobre gênero ou estudos feministas nos diferentes departamentos das universidades brasileiras.

De qualquer maneira, os pesquisadores (na sua maioria pesquisadoras), especializados em estudos feministas, têm trabalhado tanto nas disciplinas bem estabelecidas (sociologia, psicologia etc.) como navegado na interdisciplinaridade (estudos de violência, articulação trabalho/família, política do corpo etc.) e procurando acompanhar as mudanças ocorridas com o processo de liberação das mulheres. Se dez anos atrás podia-se lastimar a pouca elaboração na construção do objeto, ou constatar que a "ciência" da liberação da mulher não existia, hoje, não mais. Existe um quadro conceitual bem mais ancorado em teorias para poder efetuar "cientificamente" o recorte de gênero em qualquer campo do conhecimento.

O *Tesouro para Estudos de Gênero e sobre Mulheres* pretende refletir esse processo ao incorporar as mudanças de linguagem sem cair em modismos, e ao respeitar uma conceituação "politicamente correta". Por exemplo, de alguns anos para cá, fala-se muito, dentro do movimento de mulheres, em "feminização da pobreza", significando um processo pelo qual amplos contingentes da população feminina mundial estão vivendo em estado de extrema pobreza. Embora

se trate de um fenômeno real, demonstrado por estatísticas que indicam um aumento do número das famílias monoparentais chefiadas por mulheres com empregos mal remunerados, por que, entretanto, associar "feminização", palavra culturalmente desvalorizada, à palavra "pobreza", também socialmente depreciativa? Por que não falar simplesmente em "pauperização das mulheres", conceito que propomos neste tesouro?

Há também conceitos, de uso recente e crescente, como *empowerment*, por exemplo. Algumas pesquisas têm adotado como tradução o termo "empoderamento" — esta palavra, no entanto, inexistente em nosso vocabulário e não tem em português a mesma envergadura que seu correspondente em inglês. Optamos, por isso, pelo original, pois, nos próximos anos, a teoria feminista brasileira firmará a sua escolha.

## A PRÁTICA É AINDA TEORIA

A elaboração de um tesouro de amplo alcance, como este, demandaria normalmente vários anos de trabalho de dezenas de especialistas em assuntos dos mais diversos, pois seria preciso levantar o vocabulário específico de cada campo e de cada faceta de campo a partir dos textos acadêmicos.

Entretanto, levando em conta a nossa familiaridade com os estudos de gênero na área das Ciências Sociais e a escassez de tempo e de pessoal, nós nos propusemos a construção de um tesouro "elementar", que pudesse ser facilmente completado e expandido, com a ampliação do conhecimento, e que fosse de fácil utilização pelos seus usuários, bibliotecários e pesquisadores. Ao dizer "elementar", queremos deixar clara a nossa consciência de que, dentro dos limites impostos, torna-se impossível integrar num tesouro toda a terminologia especializada. Daí a necessidade do tesouro ser concebido como uma lista básica que possa abrigar listas mais especializadas.

Assim, contrariando todos os conselhos de especialistas em elaboração de tesouros (Cavalcanti, 1978; Campos, 1986; Gomes, 1990), decidimos escolher termos contidos em listas de indexadores preexistentes e em tesouros prontos, mesmo que não originalmente em português.

Começamos pela análise léxica de quatro bibliografias indexadas por pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas em 1989, respectivamente sobre *Família* (Sarti, 1989), *Participação política* (Costa, 1989), *Saúde* (Fundação Carlos Chagas, 1989) e *Trabalho* (Bruschini e Freire, 1989), que foram essenciais para iniciar a escolha ou não de determinadas palavras-chave e para refletir sobre a ordenação temática que respeitasse a abrangência do campo de estudos.

A seguir, analisamos diversos tesouros feitos pela UNESCO (UNESCO, 1986, VIET, 1983), pela USP (Núcleo de Estudos da Violência, 1991), pela Comunidade Européia (Banque de données européennes d'études féministes, 1992, 1993), bem como o tesouro americano: *A Women's Thesaurus* (doravante nomeado AWT), editado por Mary Ellen S. Capek (1987).

O AWT, que é muito abrangente (5000 termos cobrindo 11 grandes áreas temáticas), se apresentou como a melhor referência para desenhar a lógica de construção do nosso tesouro, por ter a chancela das renomadas pesquisadoras que o elaboraram e por outras razões. Em primeiro lugar, a ótica relacional de gênero que ele promove sem esquecer as particularidades das mulheres. A seguir, ele manteve a compatibilidade com classificações e sistemas de catalogação existentes, como, por exemplo, o da Biblioteca do Congresso Norte-americano (Library of Congress Subject Headings) utilizado no Brasil em bibliotecas universitárias. Enfim, esse tesouro foi submetido à consulta de muitos centros de pesquisa, e devidamente testado em numerosas bibliotecas e centros de pesquisa.

Antes de começar, porém, fizemos uma leitura crítica de textos recentes de ciências sociais, escritos por autoras brasileiras de diversas áreas (Bruschini, 1994; Jelin, 1994; Saffiotti e Muñoz-Vargas, 1994, e Revista *Estudos Feministas*, 1993 e 1994), à procura do vocabulário específico presente em estudos contemporâneos.

Uma vez feito o reconhecimento semântico da área, foram delineadas as duas principais estratégias da montagem do tesouro: o recorte da área do saber conhecida como "Estudos de Gênero e sobre Mulheres" em diversas áreas temáticas, e a inclusão dos termos nas mesmas.

Quanto à primeira, seguindo a lógica do AWT, e simplificando-a, escolhemos nove áreas temáticas, ou ainda, segundo as classificações adotadas internacionalmente, *Subject Groups*: SG, para estruturar "o estudo das relações sociais entre homens e mulheres". Elas permitem apresentar facetas, ou ainda aspectos particulares dessa área do conhecimento sob as quais se agrupam classes de assuntos.

As áreas temáticas são as seguintes: Ciência e Tecnologia, Ciências Naturais e Saúde, Ciências Sociais e Cultura, Comunicação, Artes e Espetáculos, Economia e Emprego, Educação, História e Mudança Social, Lei, Governo e Políticas Públicas, Linguagem, Literatura, Religião e Filosofia<sup>1</sup>.

Embora os termos sejam próprios de cada área, vários deles podem pertencer a mais de uma área temática. Por exemplo, termos indicando métodos de pesquisa como "análise de dados" ou "análise estatística" encontram-se nas áreas temáticas Ciência e Tecnologia, Ciências Naturais e Saúde, Ciências Sociais e Cultura.

Além dessas áreas temáticas, constam três grupos de delimitadores, ou *Delimiters Groups*: DG. Como o seu nome indica, esses identificadores acrescentam mais uma possibilidade de precisão à indexação. Trata-se dos grupos de delimitadores etários, geográficos e históricos. Os delimitadores históricos operam apenas grandes recortes de tempo e os geográficos indicam países e continentes e, no caso do Brasil, regiões, estados e capitais.

No que diz respeito à segunda estratégia, da inclusão de termos no tesouro, sabíamos que a escolha envolvia algo arbitrário. Por isso, pautadas pelas re-

comendações de especialistas, definimos três critérios: a) um grau médio de especificidade: cada descritor deveria ser bastante detalhado para definir o conteúdo e a consistência dos tópicos ou categorias, mas sem exagero; b) a historicidade: cada termo deve estar inserido numa linguagem contemporânea; c) o contexto cultural brasileiro: os termos não poderiam ter significados apenas regionais. Assim dito, parece tão simples! Cada termo, no entanto, envolveu algum tipo de indagação: sobre o seu exato significado, a frequência do seu uso, a necessidade de torná-lo mais conhecido, a importância política do seu uso, a importância cultural etc. Conceitos que envolvessem algum grau de ambigüidade foram substituídos por termos que consideramos, no momento, mais adequados. "Maternagem", por exemplo, encontrado em vários documentos, não foi incluído. Pois o que significa exatamente? Remete meramente à esfera doméstica ou é algo mais? Remete às tarefas físicas e responsabilidades tradicionalmente atribuídas às mães? Essas responsabilidades não são também dos pais? E, neste caso, porque então não remeter a "parentalidade", cujo significado envolve imediatamente pai e mãe? Preferimos incluir um termo como "cuidado com", cuja nota explicativa (SN) salienta a conotação moral da responsabilidade das mulheres nas relações sociais.

Outro exemplo: pareceu politicamente correto proibir o uso de "mães solteiras", conceito estigmatizado, em favor de "mulheres chefes de família". Neste caso, poderíamos optar por "mães chefes de família", mas salientar o papel econômico das mulheres, em vez do sempiterno papel materno, se revelou mais adequado à realidade.

A minúcia não contemplou apenas a inclusão dos termos em si, como também dos termos associados.

Tivemos o cuidado de compor um tesouro bastante simplificado em relação ao tesouro americano, suscetível, porém, de ser ampliado com o tempo e capaz de oferecer uma rica pós-coordenação entre os termos. O sistema de pós-coordenação, indexando apenas através de termos simples (unitermos), associados *a posteriori*, assegura uma economia indexatória, evitando o recurso às extensas listas de descritores pré-coordenados como no caso dos "cabecinhos de assunto" usados em qualquer vocabulário controlado. O *Tesouro para Estudos de Gênero e sobre Mulheres* comporta, entretanto, um número relativamente importante desses termos compostos. Tais expressões foram incorporadas por causa de sua frequência nos documentos ou por constituírem temas especifi-

1 A título de exemplo, a área Ciências Sociais e Cultura compreende as seguintes facetas: Antropologia/Casamento e família/Ciclos de vida/Demografia/Estereótipos/Estilos de vida/Estudos interdisciplinares, incluindo estudos de gênero, classe e raça/Instituições/Moda, indumentária e divertimento social/Papéis sexuais/Parentesco/Psicologia/Socialização/Sociologia/Violência.

Por sua vez, a área História e Mudança Social engloba: História da mudança social/História das mulheres/Historiografia/Movimentos culturais e políticos/Movimentos de mulheres/Teoria feminista.

cos dos Estudos de gênero, como no caso de "articulação trabalho/família", "reinserção no mercado de trabalho", "descriminalização do aborto" ou "terapia de reposição hormonal".

Considerando ainda o uso preferencial da pós-coordenação, algumas opções foram feitas. Todos os descritores de profissões estão no masculino plural, como por exemplo "professores", "advogados", "psicólogos". A eles podem ser adicionados os termos "mulheres" ou "homens" se for o caso, ou ainda algum delimitador etário como "adultos jovens" ou ainda outros conceitos como "aposentados" ou "trabalhadores autônomos", ou "setor público". Abrimos, no entanto, uma exceção para os termos "secretárias" e "empregadas domésticas", por serem objetos recorrentes de pesquisa. E para "mulheres na política" e "mulheres nas forças armadas", por se tratarem de temas ainda emergentes.

O *Tesouro para Estudos de Gênero e sobre Mulheres* foi organizado de maneira a possibilitar ao usuário o duplo acesso aos descritores: alfabético e temático.

Uma Lista Alfabética dos termos (ao redor de 1750) apresenta a estrutura conceitual de cada um deles com suas diversas relações:

- de *sinonímia*, com os termos cujo uso é recomendado, *Used (USE)*<sup>2</sup> ou proibido, *Used for (UF)*;
- *hierárquicas*, com a sua ascendência até o termo genérico, *Broader Term (BT)*, e com a sua descendência de termos mais específicos, *Narrower Term (NT)*;
- *associativas*, com termos relacionados, *Related Term (RT)*. Eles podem ter relacionamentos de diversas ordens (lógica, como no caso de "violência" e "violência contra mulheres", ou "guerra" e "paz"; ontológica, como no caso de "América do Sul" "Brasil" "Pernambuco" "Recife", ou "corpos" "ovários" "sangue"; de efeito, como entre "laqueadura" e "esterilização" etc.).

Cada termo vem ainda classificado pela área temática à qual ele pertence: *Subject Group (SG)*, pelo eventual delimitador, *Delimiter Group (DG)* e uma eventual nota explicativa do conceito, *Scope Note (SN)*. Essas notas de aplicação são destinadas a evitar ambigüidades, servindo simultaneamente para explicar o alcance de um termo e para o delimitar. Não são definições características dos dicionários, mas antes breves descrições do sentido ou sentidos em que o termo deve ser utilizado, particularmente tratando-se de descritores que descrevem conceitos fundamentais da área do conhecimento.

Exemplo da apresentação dos termos na Lista Alfabética:

#### articulação trabalho/família

SN *Resultante da administração das dificuldades e dos conflitos que surgem na vida cotidiana das mulheres e dos homens que trabalham fora de casa e têm responsabilidades com a família.*

SG Ciências Sociais e Cultura

SG Economia e Emprego

RT berçários  
RT carreiras  
RT casa, a  
RT creches  
RT divisão sexual do trabalho  
RT divisão sexual do trabalho doméstico  
RT divórcio  
RT dupla jornada  
RT famílias  
RT gravidez tardia  
RT horário flexível  
RT interrupção na carreira  
RT mulheres chefes de família  
RT papéis familiares  
RT parentalidade  
RT relações familiares  
RT síndrome da supermulher

Na Lista Temática, os termos são distribuídos, em ordem alfabética, por áreas temáticas (*Subject Groups: SG*), que ilustram os aspectos principais dos Estudos de Gênero e sobre Mulheres, e por grupos de delimitadores (*Delimiter Groups: DG*) etários, geográficos e históricos, e vêm acompanhados apenas pelos seus termos relacionados.

Esta apresentação permite situar os termos dentro de áreas do saber ou de atividades bem delimitadas, e indica aqueles com os quais o termo principal mantém relações.

Exemplo da apresentação dos termos na Lista Temática:

#### articulação trabalho/família

berçários  
carreiras  
casa, a  
creches  
divisão sexual do trabalho  
divisão sexual do trabalho doméstico  
divórcio  
dupla jornada  
famílias  
gravidez tardia  
horário flexível  
interrupção na carreira  
mulheres chefes de família  
papéis familiares  
parentalidade  
relações familiares  
síndrome da supermulher

2 Adotamos as iniciais correspondentes às palavras em inglês, conforme a nomenclatura internacional que está em uso na BAMP.

É útil encontrar os termos com os quais o termo principal mantém relações, nem sempre evidentes para o leigo. Pode parecer extravagante, *a priori*, relacionar "exame ginecológico" com o termo "relações profissionais/clientes". Entretanto a nota de explicação lembra que essas relações "envolvem o uso de um saber/poder específico por uma das partes: entre médicos e pacientes, advogados e clientes, engenheiros e clientes etc.". Quem trabalha na área de saúde sabe da importância dessa relação na vida das mulheres.

O usuário do tesouro, seja ele bibliotecário ou pesquisador, poderá armazenar ou recuperar dados utilizando qualquer uma das duas listas. Um bom ponto de partida é a Lista Alfabética, que permite uma indexação mais complexa ou uma pesquisa mais precisa pela imediata visualização de todos os relacionamentos entre os conceitos expressos pelos descritores.

O tesouro é uma ferramenta e, como tal, deve ajudar a maximizar os esforços daqueles que lidam com o processamento de informações. É bom salientar que não se deve procurar nele o que ele não pode oferecer: é apenas um mecanismo montado para obter e recuperar a informação. Somente seu uso per-

mitirá verificar se é bom ou inadequado. Atualmente em fase de implementação na BAMP e disponível para consulta de usuários, a utilidade do tesouro vem se confirmando pela precisão e riqueza obtidas na reindexação do acervo, e nos leva a acreditar que este instrumento possa suscitar o interesse de documentalistas e pesquisadores de outros centros de estudos e documentação. Com o intento de promover a divulgação e a distribuição do tesouro, a Fundação Carlos Chagas vem realizando, desde janeiro de 1996, uma sondagem junto a outras bibliotecas especializadas e núcleos de pesquisa. Diante do acentuado interesse das instituições consultadas, estamos desenvolvendo um projeto de orientação didática para o uso do *Tesouro para Estudo de Gênero e sobre Mulheres* em bibliotecas e centros de pesquisa, garantindo, assim, não só a sua utilização técnico-formal, como também a consolidação da área de estudos de gênero e a capacitação de documentalistas e pesquisadores. É nessa prática que serão definidos os mecanismos de sua gestão contínua, ou seja, as revisões de vocabulário, retoques incessantes impostos por uma teoria realimentada constantemente pelo seu exercício.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- BANQUE de données européennes d'études féministes. Bruxelles: GRACE, 1992. (GRACE - *Femmes et travail*. Thème n.3)
- BANQUE de données européennes d'études féministes. Bruxelles: GRACE, 1993. (GRACE - *Inégalités et opportunités*. Thème n.5)
- BANQUE de données européennes d'études féministes. Bruxelles: GRACE, 1992. (GRACE - *Pouvoir, féminisation du pouvoir et politique*. Thème n.1)
- BANQUE de données européennes d'études féministes. Bruxelles: GRACE, 1992. (GRACE - *Recherches féministes*. Thème n.2)
- BANQUE de données européennes d'études féministes. Bruxelles: GRACE, jul. 1992. GRACE - *Report, phase 2*
- BANQUE de données européennes d'études féministes. Bruxelles: GRACE, oct. 1993. (GRACE - *Sciences et technologies*)
- BRUSCHINI, C., FREIRE, M. C. M. *O Trabalho da mulher no Brasil até 1988*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1989. (mimeo)
- BRUSCHINI, C. Trabalho feminino: trajetória de um tema, perspectivas para o futuro. *Revista Estudos Feministas*, v.2, n.3, p.17-32, 1994.
- CAMPOS, A. T. Linguagens documentárias. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v.14, n.1, p.85-8, jan./jun. 1986.
- CAPEK, M. E. (ed.). *A Women's thesaurus: a project of the National Council for Research on Women and the Business and Professional Women's Foundation*. New York: Harper & Row, 1987.
- CAVALCANTI, C. R. *Indexação e tesouro: metodologia e técnicas*. Brasília: ABDF, 1978.
- COSTA, A. de O. *Bibliografia indexada sobre a participação da mulher no Brasil*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1989. (mimeo)
- COSTA, A. de O., BARROSO, C., SARTI, C. Pesquisa sobre mulher no Brasil - Do limbo ao gueto? *Cadernos de Pesquisa*, n.54, p.5-16, ago. 1985.
- FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. *Saúde da Mulher no Brasil: bibliografia anotada*. São Paulo, 1989. (*Textos FCC*, n.3)
- GOMES, H. E. *Manual de elaboração de tesouros monolíngües*. Brasília: MEC/MCT, 1990.
- JELIN, E. Mulheres e direitos humanos. *Revista Estudos Feministas*, v.2, n.3, p.117-49, 1994.
- NÚCLEO DE ESTUDOS DA VIOLÊNCIA. *A Criança minorizada: banco de referências bibliográficas*. 1991. [Série DOSSIÊ NEV (3)]
- \_\_\_\_\_. *A Cruzada filantrópica: à assistência social institucionalizada em São Paulo, 1880-1920*. 1991. [Série DOSSIÊ NEV (1)]
- REVISTA DOCPOP, resumos sobre população no Brasil, v. 8, n. 1, jan. 1990.
- REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS. V.1, n.1, 1993.
- \_\_\_\_\_. V.2, n.2, 1993.
- \_\_\_\_\_. N. especial, 2º semestre, 1994.
- \_\_\_\_\_. V.2, n.2, 1994.
- SAFFIOTTI, H. I., MUÑOZ-VARGAS, M. *Mulher brasileira é assim*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos/UNICEF, 1994.
- SARTI, C. A. *Levantamento bibliográfico sobre mulher e família. Brasil, 1976-1988*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1989. (mimeo)
- SCOTT, J. W. Gender, a useful category of historical analysis. *The American Historical Review*, v.91, n.5, p.1053-75, dec. 1986.
- SCOTT, J. W. Deconstructing equality-versus-difference: or the uses of poststructuralist theory for feminism. *Feminist Studies*, v.14, n.1, p.33-65, Spring 1988.
- UNESCO. *UNESCO-GIE Tesouro de Educação*. Paris: UNESCO, 1986.
- VIET, Jean. *Tesouro internacional do desenvolvimento cultural*. Rio de Janeiro: MEC/Secretaria da Cultura, UNESCO, 1983.